

O florescer de Madalena no coração do Pajeú

Durante anos, o horizonte de Madalena Dantas de Oliveira, hoje com 43 anos, era delimitado pelas paredes das escolas estaduais onde lecionava. Como professora e vice-diretora em São José do Egito, Pernambuco, ela vivia o paradoxo de muitas trabalhadoras: trabalhava em três turnos para sustentar uma casa onde mal conseguia estar presente. O salário, embora digno para os padrões da região, escorria entre os dedos para pagar terceiros que cuidassem de seus filhos e de seu lar.

“Eu não tinha tempo para cuidar dos meus filhos. O que eu ganhava só dava para pagar alguém para cuidar da minha casa”, relembra Madalena. O ponto de ruptura veio com a maternidade tripla. Grávida de trigêmeos, Madalena enfrentou a dor de perder um dos bebês. Com o nascimento das gêmeas, a decisão foi tomada: era hora de voltar para a terra.

A chegada ao Sítio Tejuacú há quatro anos, porém, não foi um mar de rosas. A propriedade estava abandonada, as cercas caídas e, o mais grave, não havia uma gota de água. Madalena, a mulher que trocou as salas de aula pela lida no campo, viu-se diante de um cenário de escassez que testaria sua coragem.



"Quando eu vim para aqui, não tinha nem água. Eu bebia água que trazia de Tuparetama no lombo do jegue ou comprava garrafão no mercado e os meninos vinham trazendo na mão. Era uma vulnerabilidade que me doía, porque quando você pensa em estar com seus filhos sem ter um teto e sem ter o alimento, você se sente pequena."

Naquela época, a produção era quase zero. Apenas um pé de limão sobrevivia a duras penas no terreno seco. Madalena e o companheiro começaram do zero, batendo prego em estacas de algaroba aos domingos para cercar o que seria o futuro da família. A prioridade não era a "boniteza" da casa, mas sim qualidade de vida, como ela mesma conta.

A grande virada aconteceu através do Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2). A chegada da cisterna de segunda água — destinada à produção de alimentos e criação de animais — foi o divisor de águas que Madalena precisava para transformar o Sítio Tejuacú em um sistema agroecológico produtivo.

Com a segurança hídrica garantida pela tecnologia social da Articulação do Semiárido Brasileiro (ASA), o quintal de Madalena explodiu em verde. Onde antes havia poeira, surgiram três lotes de milho, feijão, batata-doce, macaxeira e capim para o gado. A cisterna permitiu que ela não apenas plantasse, mas que voltasse a ter animais. Ela chegou a possuir três vacas leiteiras, fornecendo leite para empresas da região e garantindo uma renda mensal que a escola já não lhe dava, com a vantagem de estar ao lado dos filhos.

A transformação de Madalena é também uma história de saúde. Através dos cursos de Agroecologia promovidos pela Diaconia e pela ASA, ela aprendeu a manejar a terra sem o uso de venenos. Se no passado ela utilizava agrotóxicos por desconhecimento, hoje ela é uma defensora da Agroecologia.

"Eu aprendi que se o gado come o milho com agrotóxico, o veneno vai para a vida toda. Hoje eu não uso. Minhas filhas não ficam mais doentes. A hora que elas têm fome, vão ali, acham o ovo, fritam e comem. Tem amora, tem limão, tem beterraba. O que é mais gratificante é você colher aquilo que é seu."



Madalena produz queijo artesanal em casa, vende o excedente de milho e feijão na feira de São José do Egito e negocia seus animais (porcos, gansos e gado) com uma visão de mercado aguçada. "Eu escolho as maiores espigas, arrumo no saco e levo para a feira. O povo vê que é coisa boa, orgânica, e compra tudo", diz com orgulho.

Mas a história dela não se resume à produção agroecológica. Ela é uma liderança que inspira outras mulheres. Além da lida no campo, ela é artesã, fazendo bonecas e crochê através da associação local e da economia solidária. Sua visão de mundo é clara: a terra é o caminho para a emancipação da mulher.





"Muitas mulheres ainda são dominadas, não vão às reuniões porque o marido não gosta. Eu digo: marido a gente combina, mas mandar na vida da gente, jamais! A gente tem que trabalhar porque tem os filhos. O marido é hoje, amanhã ninguém sabe", afirma de forma contundente.

Sua determinação a levou a investir em um "carrinho velho" para não depender de ninguém para levar a produção à feira ou socorrer um vizinho doente. Madalena tirou sua carteira de motorista e planeja o próximo passo: a instalação de placas de energia solar que irão ajudar a bombear água para irrigação, reduzindo custos e aumentando a produção do seu pomar de sonhos, onde quer plantar moringa, banana e laranjas.



Atualmente, Madalena cuida não apenas dos filhos e da terra, mas também de sua mãe e de uma vizinha de 96 anos, a quem dedica um carinho maternal. Ela transformou o esterco dos porcos em biogás (através do biodigestor), fechando o ciclo de sustentabilidade da propriedade. "Mãe nunca tinha visto bosta virar fogo", diverte-se ao contar a reação da matriarca.

Ao olhar para os últimos quatro anos, Madalena não se arrepende de ter deixado a sala de aula. Pelo contrário, ela sente que finalmente encontrou sua verdadeira vocação. O Sítio Tejuacú é o seu laboratório, sua empresa e o seu santuário.



"Se eu fosse deixar um recado, seria para que as pessoas se permitissem buscar novos horizontes. No sítio, a qualidade de vida é significativa. Você não tem poluição, você planta e colhe. Teve tempo de eu ir para a feira antes e levar 15 reais; eu tinha que escolher entre comprar acerola ou banana. Hoje eu tenho as duas aqui, e ainda sobra para doar para quem precisa. Isso não tem preço."



A história de Madalena Dantas de Oliveira é o reflexo de milhares de mulheres do Semiárido brasileiro que, ao receberem a segunda água, não apenas molham a terra, mas semeiam independência, dignidade e um futuro onde a fome e a sede são apenas lembranças de um passado que ficou para trás, na poeira da estrada.